

HISTÓRIA DA ARTE: da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 9

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Artistas do Brasil no contexto atual.



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

A Arte no contexto nacional abre uma discussão complexa: de um lado pode-se olhar pela questão antropológica e, neste caso, seria olhar para trás e tentar identificar o que os nativos deste imenso território praticavam que poderia ser chamado de Arte; de outro, seria olhar pelo lado da questão civilizatória e a influência dos agentes colonizadores e sua interferência ou criação de uma concepção de Arte.

De um modo ou de outro não há uma posição confortável que possa ser adotada como linha de pensamento sem “magoar” uns e outros. Ao considerar que os “nati-brasileiros” poderiam ser as referências para a Arte Brasileira, não haveria explicações para os Artistas Viajantes, Barroco ou para o Modernismo e suas consequências, já que as referências são as da Arte “importada” pelos missionários, seus compatriotas e concorrentes. Enfim é necessário estabelecer uma categoria, o melhor é pensar em *Arte no Brasil* e não brasileira.

Neste sentido também pode-se dizer: *Artistas do ou no Brasil*, logo, Artistas Brasileiros podem ser tanto os que aqui nasceram, quanto os que para cá imigraram e adotaram o país atuando no contexto artístico nacional. A condição Colonial que instaurou o Brasil limitou a percepção de identidade ao contexto europeu, esta é uma das questões que merecem reflexão. Pensar em Arte regionalizada, nacionalizada, identificada com tendências internas nem sempre estão alinhadas às tendências globais e internacionais da Arte atual.

A Arte no contexto geográfico e cultural contemporâneo não contempla necessariamente apenas aspectos locais, mas sim aspectos internacionais.

A Arte atual dialoga com as questões emergentes do mundo todo e não apenas com aquelas que olham apenas para aspectos locais, a globalização interfere nas identidades locais.

Obviamente que certos traços regionais sempre aparecerão e serão referência para a Arte local ou mundial, mas não é este o foco principal da Arte na atualidade.

***Artistas do Brasil no
contexto atual.***

Assim, os Artistas do Brasil sendo natos ou por adoção exercem sua atividade a partir deste território. Hoje em dia, ter reconhecimento local não basta, é necessário acessar o contexto internacional, para tanto deve-se estar alinhado aos requisitos e demandas da comunidade global e não apenas às questões e aspectos locais, mesmo que uma certa dose de etnia e cultura local sejam atraentes para o contexto do mercado internacional.

Não se pode esquecer que os “Pioneiros” da internacionalização, desde os Modernos e Pós-Modernos como Portinari e Pós-modernos como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape entre outros foram responsáveis por colocar o Brasil no cenário artístico mundial, portanto, este tópico irá buscar os herdeiros deste processo e mostrar alguns artistas que, na atualidade, dialogam com o contexto internacional.

Atualmente há um bom número de artistas do Brasil que são prestigiados no Sistema de Arte Internacional e também naquele mercado. São reconhecidos nacional e internacionalmente, já que o acesso ao circuito depende de estágios ou níveis crescentes do local para o internacional. Nada impede de que artistas nascidos no Brasil migrem para outras nações e obtenham sucesso lá, sem serem, ao menos, conhecidos aqui. De um modo ou de outro, ninguém é reconhecido apenas pelas idiossincrasias locais.

Alguns nomes de Artistas do Brasil são recorrentes que no sistema internacional. As últimas décadas não mudaram muito isto, alguns são aqui destacados:

Artur Barrio, Miguel Rio Branco, Waltércio Caldas, Cildo Meireles, Tunga, Beatriz Milhazes, Vik Muniz, Ernesto Neto, Adriana Varejão, Rivane Neuenschwander são alguns dos que aparecem com mais frequência nesse circuito. Vale a pena olhar com mais vagar para eles e tentar entender o que os torna “internacionalizáveis”.

Artur Barrio.

Artur Alípio Barrio de Sousa Lopes (Porto, Portugal 1945).
Artista multimídia e desenhista.
Em 1955, passa a viver no Rio de Janeiro e, em 1965, passa a se dedicar à pintura. A partir de 1967, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes. Nesse período, realiza os "cadernos livres", com registros e anotações que se afastam das linguagens tradicionais.

Em 1969, começa a criar as *Situações*: trabalhos realizados com materiais orgânicos como lixo, papel higiênico, detritos humanos e carne putrefata, como as *Trouxas Ensanguentadas*, com os quais realiza intervenções no espaço urbano.

No mesmo ano, escreve um manifesto no qual contesta as categorias tradicionais da arte e sua relação com o mercado, e a situação social e política na América Latina. Em 1970, na mostra *Do Corpo à Terra*, espalha as *Trouxas Ensanguentadas* em um rio em Belo Horizonte. Barrio documenta essas situações com o uso de fotografia, cadernos de artista e filmes Super-8. Cria também instalações e esculturas, nas quais emprega objetos cotidianos. Realiza constantes viagens, e reside também na África e na Europa - em Portugal, na França e na Holanda.

Participou de exposições no Brasil e no exterior, entre elas, do Salão de Bússola no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1969. Da exposição *Information*, em NY, 1970 e da Documenta 11 de Kassel, na Alemanha em 2002. Foi vencedor do Premio Velázquez de Artes Plásticas de 2011, concedido pelo Ministério da Cultura da Espanha e também o único representante do Brasil na Bienal de Veneza, no mesmo ano.

A maioria de suas obras não pode ser guardada em museus, fazem parte da vertente Conceitual que se caracteriza pelo uso de materiais efêmeros, precários, deterioráveis, portanto suas obras são precárias e transitórias. Realiza intervenções e Performances nas quais são valorizadas as experiências dos espectadores e não os objetos, tampouco os registros em imagens dos trabalhos.



Livro de Carne, Artur Barrio.



Trouxa, Artur Barrio.



Artur Barrio, Saco de pães.



Artur Barrio,
Palavras como pó.

Miguel Rio Branco.

Miguel Rio Branco, Las Palmas, 1946. Artista multidisciplinar.

A partir de 1966, estudou no Instituto de Fotografia de NY. Em 1968 na Escola superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro. A partir de 1974 passou a dedicar-se à pintura realizando sua primeira exposição em Berna, onde residia. Colaborou em produções cinematográficas como diretor de fotografia.

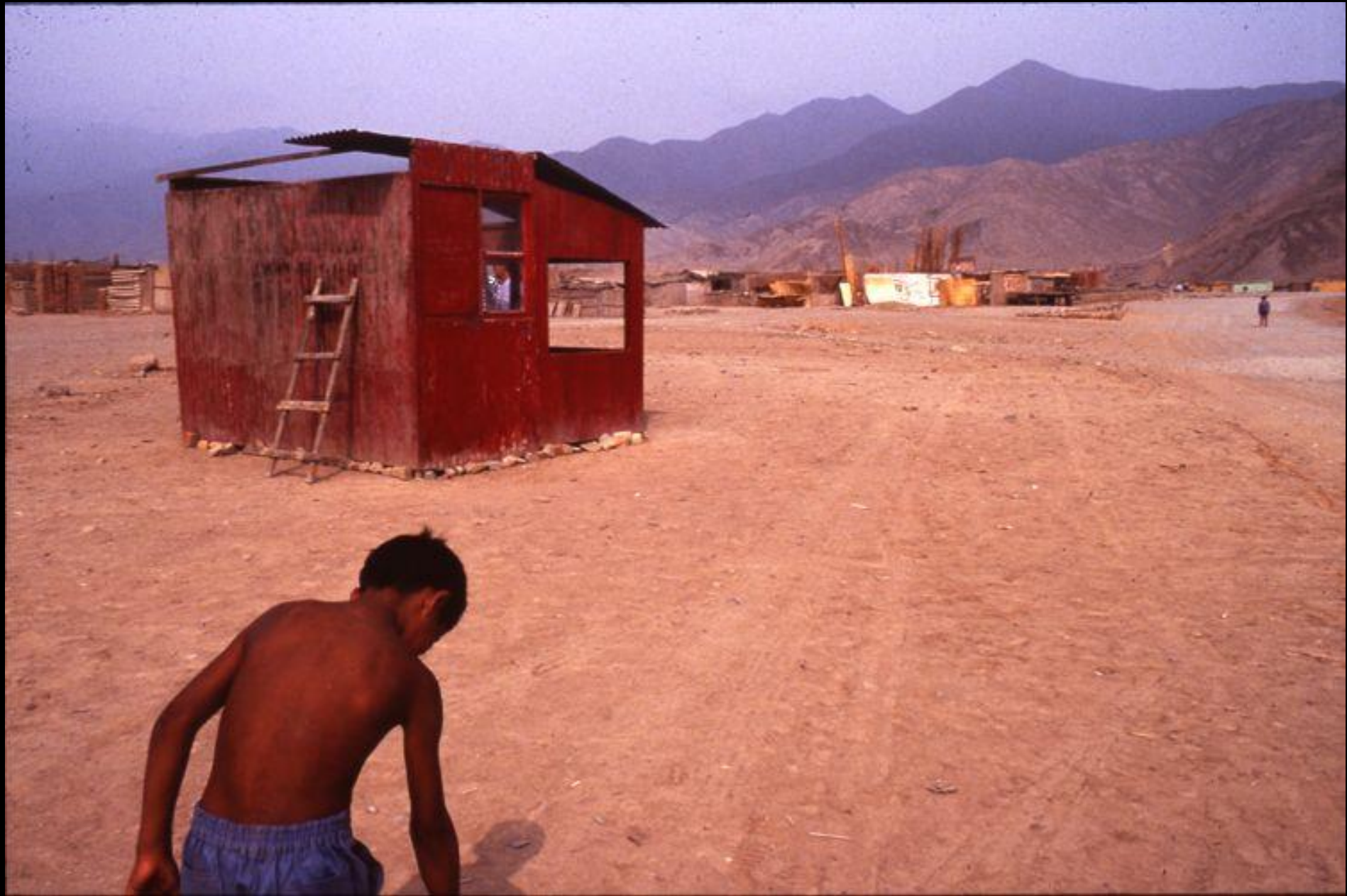
A partir da Bienal de São Paulo, em 1983, começou a realizar instalações espaciais combinando fotografias e música, procurando uma espécie de "poesia documental". Recentemente tem se dedicado à fotografia de caráter sócio documental num diálogo entre a estética precária e a denúncia social.



Miguel do Rio Branco, Trilhas Periféricas.



Miguel do Rio Branco, Night Series, 1991



Miguel do Rio Branco, Red House Boy, 1991



Miguel do Rio Branco, Night Series, 1991



Miguel do Rio Branco, Fingerout, 1988.

Waltércio Caldas.

Waltércio Caldas Júnior,
1946, Rio de Janeiro.
Escultor, desenhista,
artista gráfico, cenógrafo.
Em 1964 estuda pintura
com Ivan Serpa no Museu
de Arte Moderna do Rio
de Janeiro. Entre 1969 e
1975, realiza desenhos,
objetos e fotografias de
caráter conceitual, com
isto se torna uma
referência na produção
nacional.

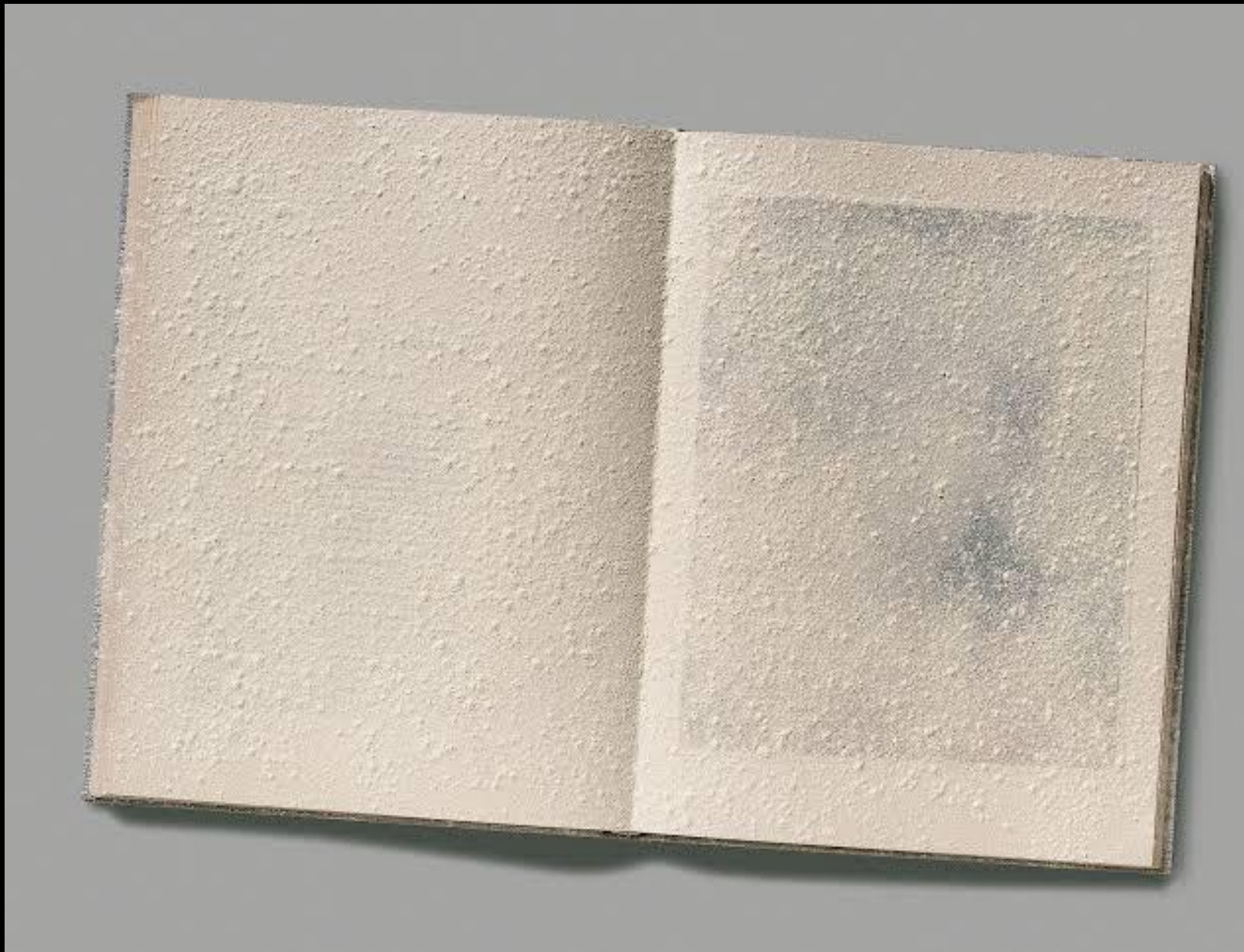
Seus trabalhos seguem as
tendências instauradas na
Arte desde o Dadaísmo
Duchampiano e vai se
desenvolvendo a partir da
busca de uma identidade
própria.



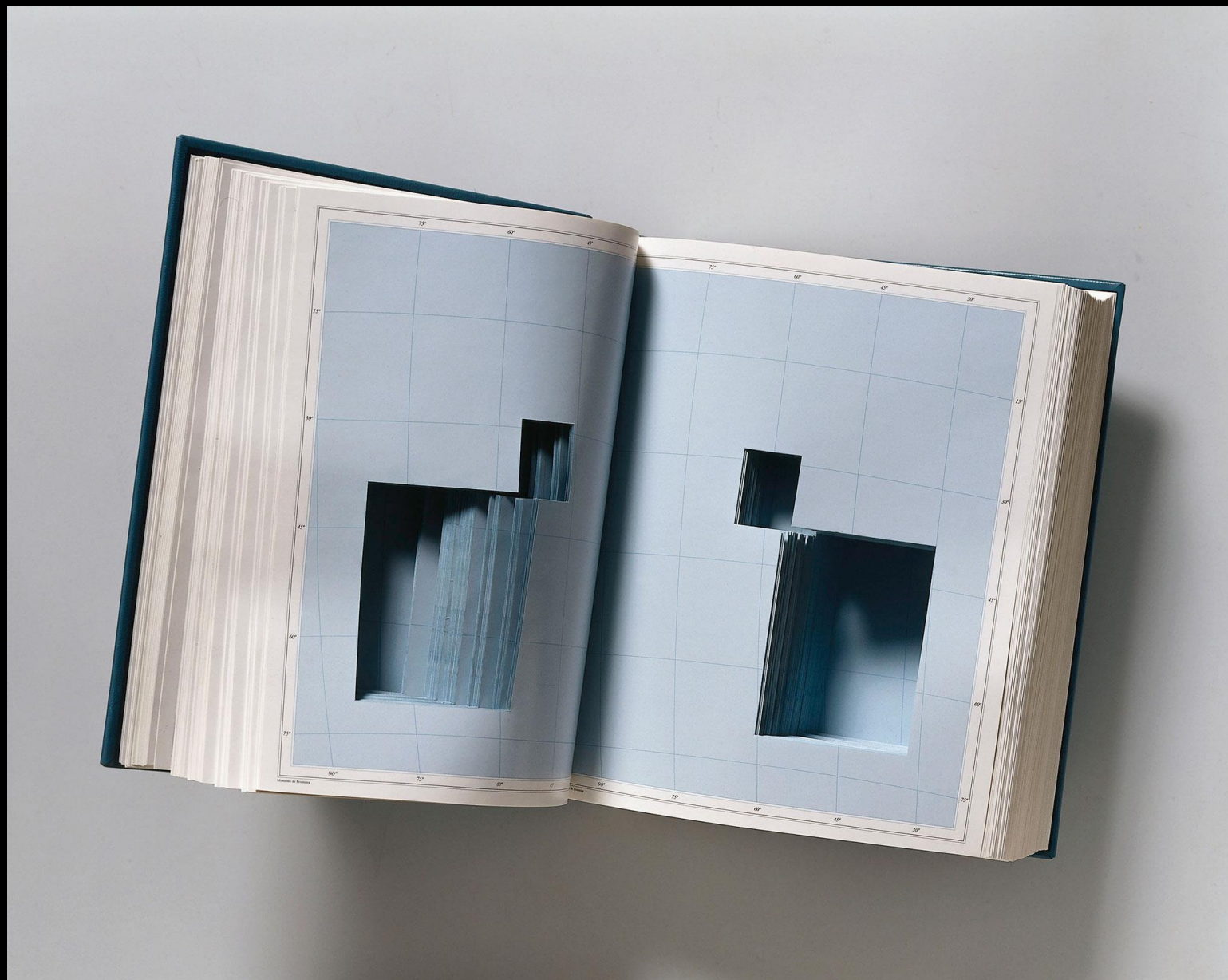
Waltércio Caldas, A Emoção Estética. 1977.



Waltércio Caldas, Como Funciona a Máquina Fotográfica.



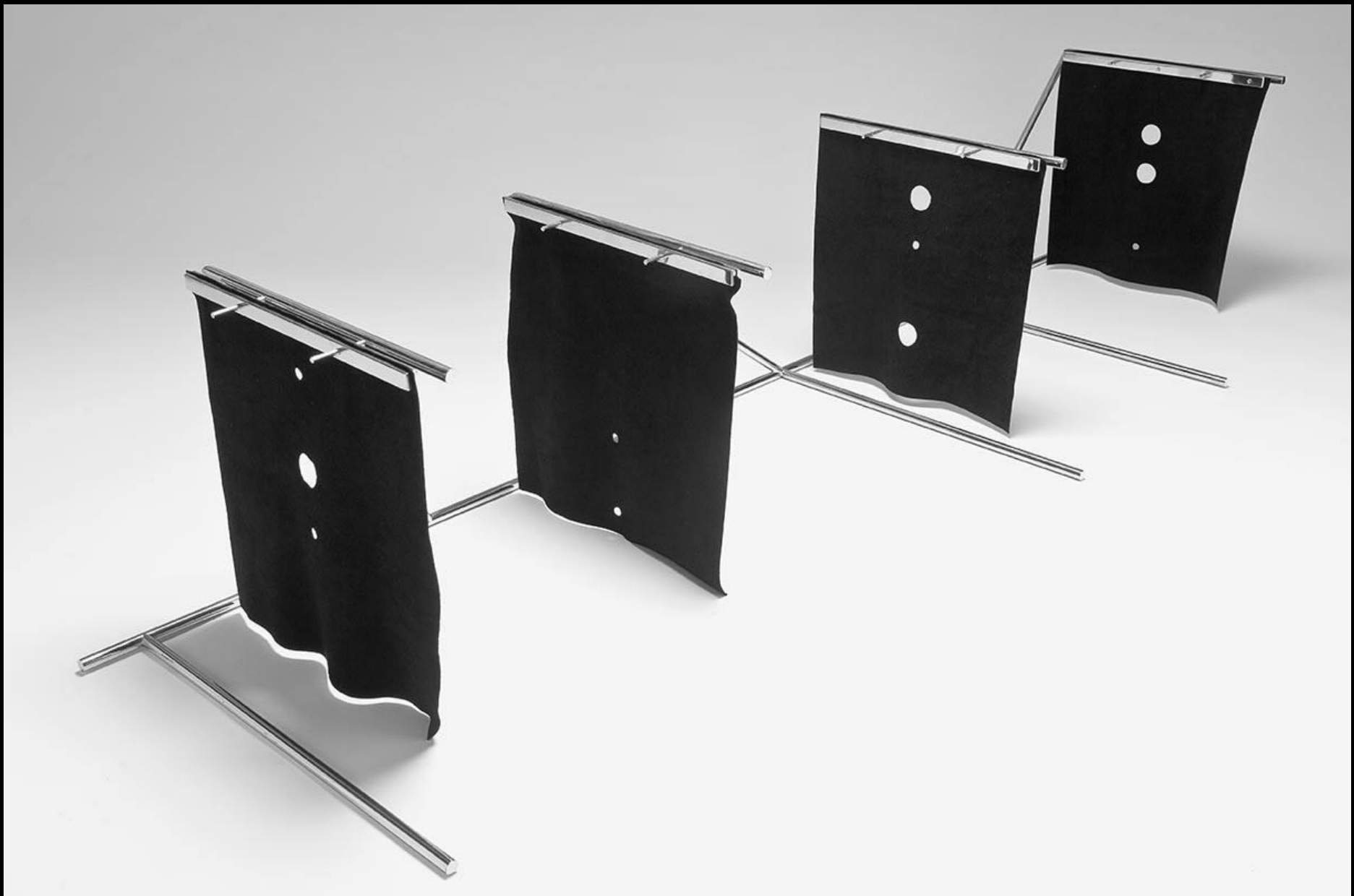
Waltercio Caldas, Matisse com Talco.



Waltércio Caldas, Momento da Fronteira.



Waltércio Caldas, Instalação.



Waltércio Caldas, Instalação.

Cildo Meireles.

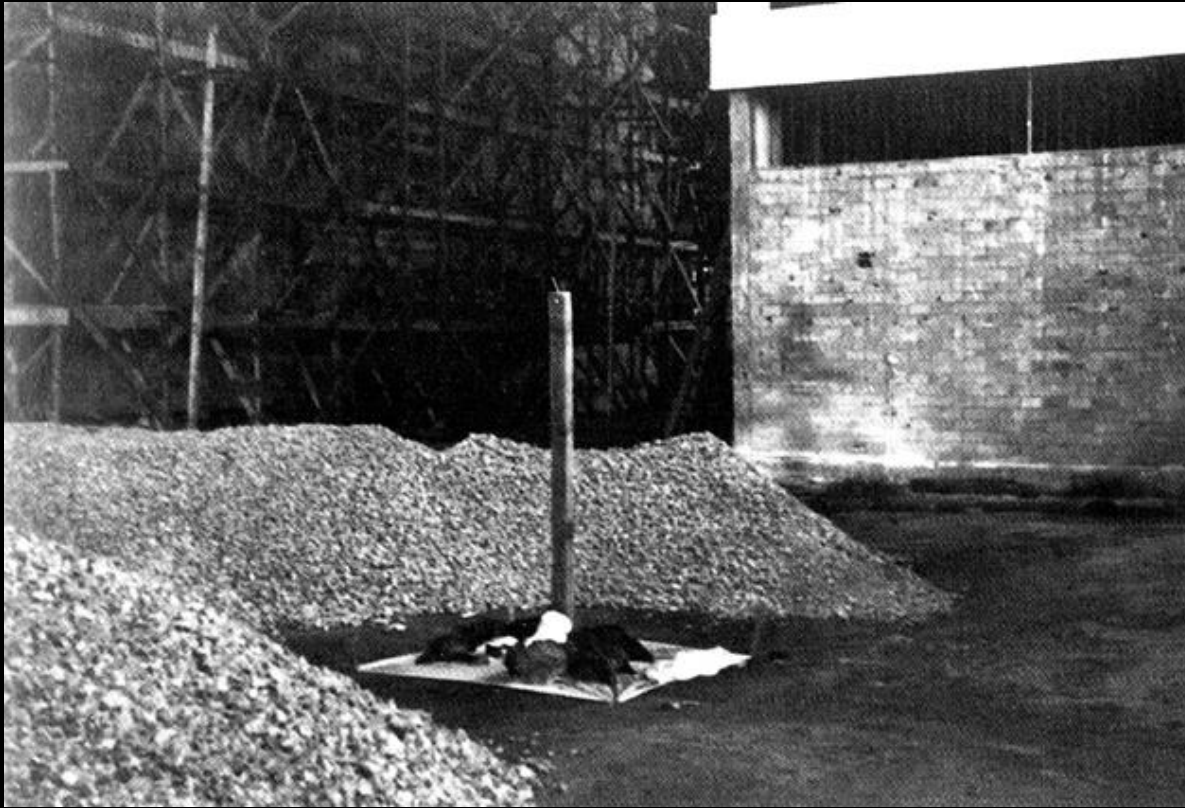
Cildo Campos Meirelles,
1948, Rio de Janeiro,
Artista multimídia. Inicia
seus estudos em arte em
1963, na Fundação
Cultural do Distrito
Federal, em Brasília,
orientado pelo ceramista e
pintor peruano
Barrenechea. Realiza
desenhos inspirados em
máscaras e esculturas
africanas. Em 1967,
transfere-se para o Rio de
Janeiro, onde estuda por
dois meses na Escola
Nacional de Belas Artes.

Nesse período, cria a
série *Espaços Virtuais:*
Cantos, com 44 projetos
explorando questões de
espaço que se desdobram
nos trabalhos *Volumes*
Virtuais e ocupações
entre 1968-1969.

Mais tarde suas obras revelam caráter político como em *Tiradentes - Totem-monumento ao Preso*

Político (1970), depois entra também no contexto da cultura de massa com as *Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-cola* (1970) e *Quem Matou Herzog?* (1970). No ano seguinte, viaja para Nova York, onde trabalha na instalação *Eureka/Blindhotland*, no LP *Sal sem Carne* (gravado em 1975) e na série *Inserções em Circuitos Antropológicos*.

De volta ao Brasil, em 1973, cria cenários e figurinos para teatro e cinema. Desenvolve séries de trabalhos inspirados em papel moeda, como *Zero Cruzeiro e Zero Centavo* (ambos de 1974-1978) ou *Zero Dólar* (1978-1994). Explora questões acerca de unidades de medida do espaço ou do tempo, como em *Pão de Metros* (1983) ou *Fontes* (1992).



Cildo Meireles. Tiradentes, Totem:
Monumento ao preso político. 1970

Estaca sobre um quadrilátero
marcado por um pano branco, com
termômetro clínico no topo e
galinhas vivas amarradas sobre as
quais se ateou fogo





Cildo Meireles. Quem matou Herzog? 1970. 1076.

Inserção em Circuitos Ideológicos - 3. Projeto Cédula.



Cildo Meireles. Inserções em Circuitos Ideológicos - 2. Projeto Coca-Cola. 1971.



Cildo Meireles. *"Eureka/Blindhotland"*, 1970-1975. BORRACHA, REDE DE PESCA, METAL, MADEIRA E ÁUDIO



Cildo Meireles. Olvido, 1987-89. Tenda indiana feita de 6.000 notas de todos os países americanos, erguida sobre três toneladas de ossos e instalada no centro de um círculo formado por 69.300 velas.

Tunga.

***Antônio José de Barros
Carvalho e Mello Mourão,***
conhecido como **Tunga**.

Palmares, (8 de
fevereiro de 1952 – Rio de
Janeiro, 6 de junho de
2016).

Escultor, desenhista e perfo
rmático. Na década de
1970, a obra de Tunga se
aproxima da produção de
artistas de diferentes
vertentes da arte
contemporânea brasileira,
como Cildo
Meireles, Waltercio Caldas
e José Resende (1945).

A relação entre
representação, linguagem e
realidade, tema-chave para
esta geração de artistas, está
presente em muitos dos
trabalhos de Tunga.

Entretanto, corpo e desejo
tornam-se componentes
ativos de suas investigações,
entre as quais, elementos de
outras áreas de
conhecimento, como
Literatura, Filosofia,
Psicanálise, Teatro,
Matemática, Física e
Biologia.



Tunga. Tríade Trindade, 2001.

Tunga. Amber Guestes,
2015.





Tunga. True Rouge. 1997.



Tunga. Psicoativa.

Beatriz Milhazes.

Beatriz Ferreira
Milhazes, 1960, Rio de Janeiro. Pintora, gravadora e ilustradora. Realiza sua formação em artes plásticas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage no período de 1980 a 1983. Além da pintura, dedica-se à gravura e à ilustração. De 1995 a 1996, estuda gravura em metal e linóleo no Atelier 78, com Solange Oliveira e Valério Rodrigues. Atua como professora de pintura até 1996 no Parque Lage.

Suas pinturas se caracterizam estritamente pela bidimensionalidade tendo a forma e a cor como referências, embora abstratas, o uso da ornamentação constituída, sobretudo, por arabescos se tornam a “marca” de seus trabalhos. Na década de 1980 revelam uma tensão entre figura e fundo, entre representação e ornamentação. Participa do grupo de artistas brasileiros chamado de “Geração 80”. Sua obra faz referências ao barroco, à obra de Tarsila do Amaral e Burle Marx e a padrões modulares, ornamentais e art déco.



Beatriz Milhazes. O Mágico, 2005. (Vendida na Sotheby's 1,05 milhão dólares)



Beatriz Milhazes. O moderno, 2002. Arrematada na Sotheby's em 2015, por US\$ 1,2 milhão. Anteriormente pertencia a um colecionador espanhol que a comprou em 2001 por US\$ 15 mil.



Beatriz Milhazes. In Albis, 1996. Acervo da Coleção Solomon R. Guggenheim Museum



Beatriz Milhazes.
Mariposa, 2004.



Beatriz Milhazes.
Mulatinho, 2008.

Vik Muniz.

Vicente José de Oliveira Muniz, São Paulo, 1961. Fotógrafo, desenhista, pintor e gravador. Cursa publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Em 1983, passa a viver e trabalhar em Nova York. Realiza, desde 1988, séries nas quais investiga temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens na Arte e nos meios de comunicação em abordagem de questões envolvidas na circulação e retenção de imagens.. Trabalha com séries de fotografias, na maioria das vezes reproduções de obras de arte reconhecidas recriadas com materiais diversos.

Faz uso de técnicas diversas e emprega materiais inusitados como papéis perfurados, algodão, recortes de revistas, chocolate líquido, açúcar, doce de leite, geleias, catchup, gel para cabelo ou poeira para a produção de seus trabalhos. Depois de prontos, são fotografados e aí se tornam parte das séries editadas como Fotografias. As séries recebem, em geral, o nome do material utilizado - *Imagens de Arame*, *Imagens de Terra*, *Imagens de Chocolate*, *Crianças de Açúcar* etc.



Vik Muniz. Lampedusa, 2015, Bienal de Veneza.



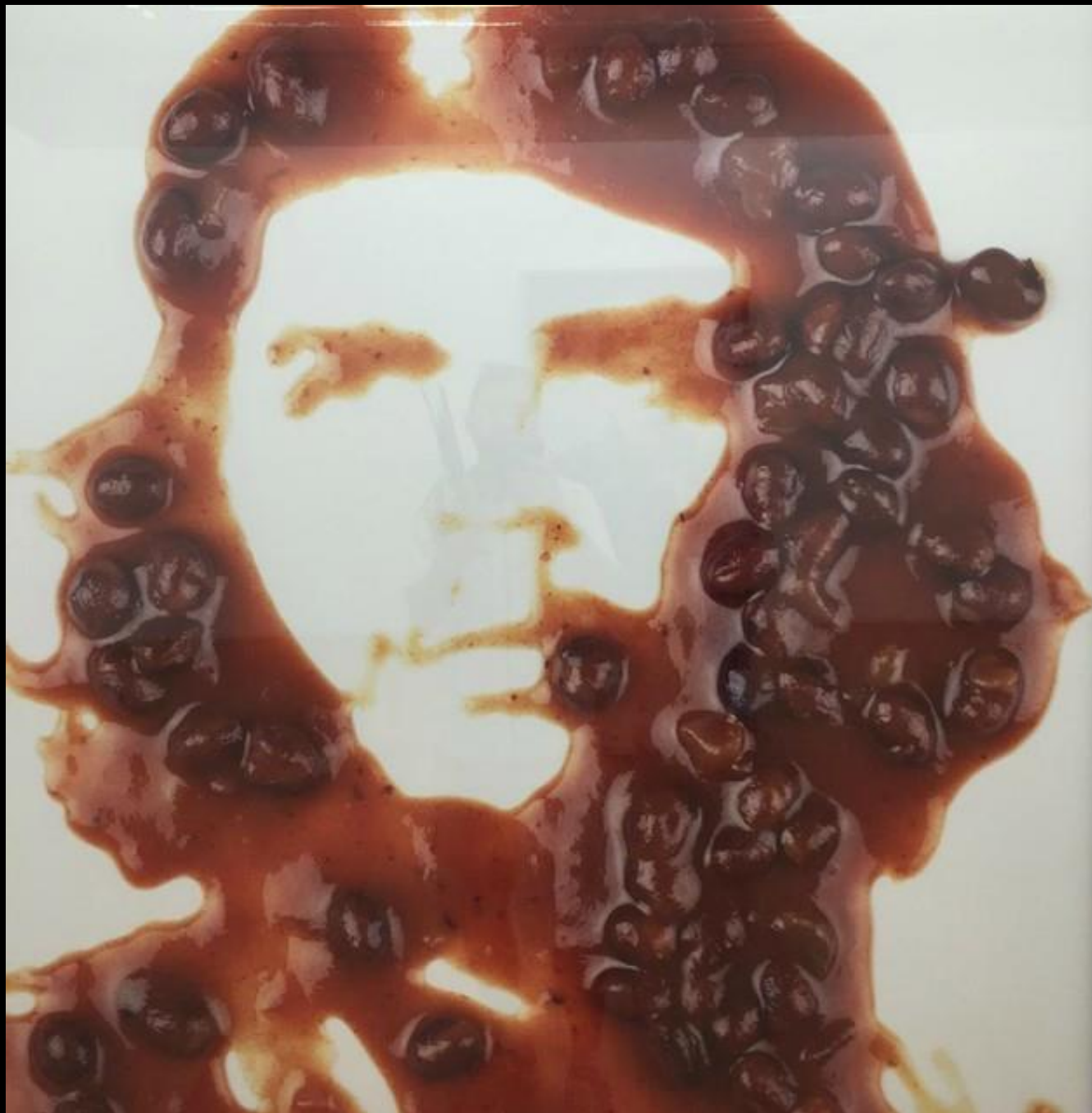
Vik Muniz. Double Mona Lisa.



Vik Muniz. Torre Eiffel, 2015. série *Postcards from nowhere*.



Vik Muniz. Bearer Irma, 2008.
Série produzida a partir de projeto
social no lixão de Gramacho,
baixada do Rio de Janeiro.



Vik Muniz. Che à
maneira de Alberto
Korda (fotógrafo), 2000.

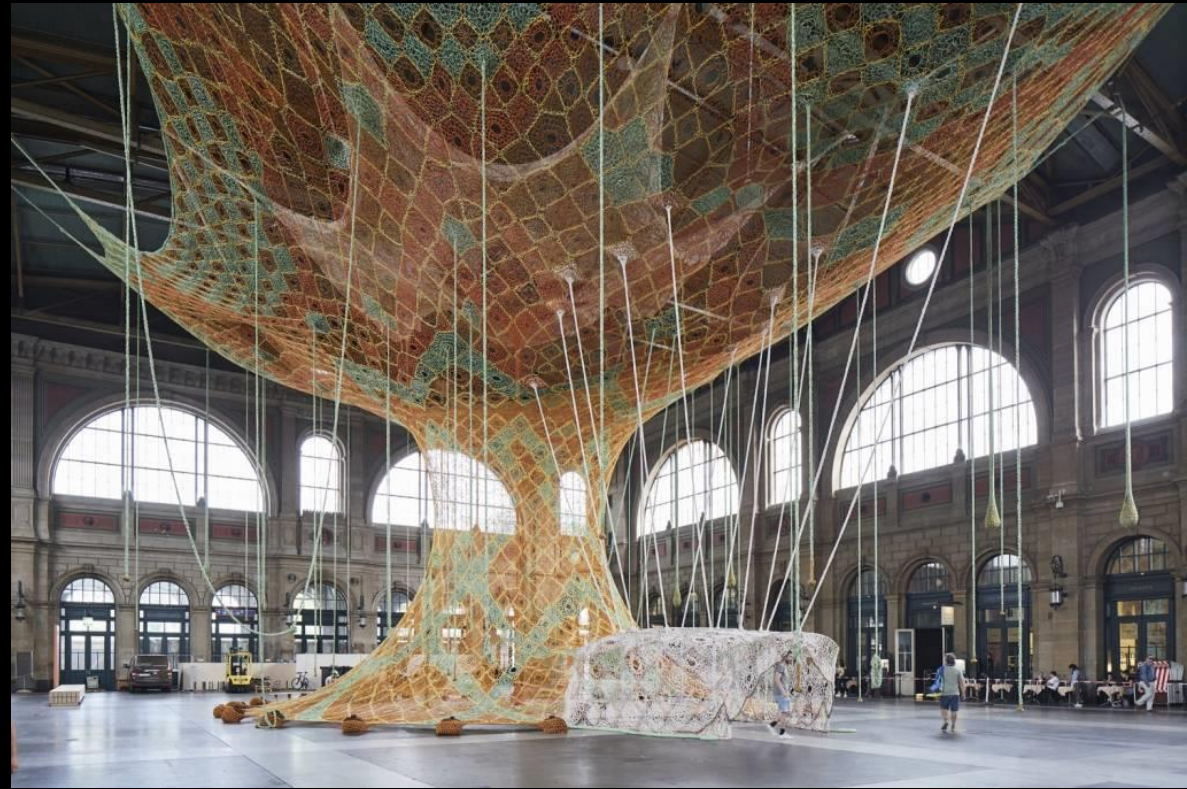
Ernesto Neto.

Ernesto Saboia de Albuquerque Neto, Rio de Janeiro, 1964. Artista multimídia. Na década de 1980, estuda escultura com Jaime Sampaio e com João Carlos Goldberg na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Realiza ainda cursos de intervenção urbana e escultura com Cleber Machado e com Roberto Moriconi, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Sua produção situa-se entre a escultura e a instalação. No início da carreira, sua trajetória é marcada pelas obras dos artistas José Resende e Tunga, na exploração da articulação formal e simbólica entre matérias diversas. Mais tarde, passa a utilizar meias de poliamida e outros materiais mais flexíveis e cotidianos.



Ernesto Neto. *Gaia Mother Tree* , Estação de Zurique, Suíça.



Ernesto Neto. *Gaia Mother Tree*

A obra, de quase 20 metros de comprimento, faz referência a uma grande árvore, composta por uma estrutura transparente feita de tiras de algodão coloridas, atadas à mão por indígenas. Desde 2013, o artista vem colaborando com os povos da floresta, principalmente a comunidade indígena Huni Kuin, também conhecida como Kaxinawá.



Ernesto Neto. Dengo.



Ernesto Neto. A Borda.

Adriana Varejão.

Adriana Varejão, Rio de Janeiro, 1964. Começou sua carreira nos anos 80, Frequentou cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro e fez sua primeira exposição individual em 1988, na galeria Thomas Cohn. Suas obras reproduzem elementos históricos e culturais, com temas ligados à colonização, ao barroco e à azulejaria. Investiga também a utilização do corpo humano, da visceralidade e da representação da carne como elemento estético.

Em fins da década de 1980, produz telas com espessas camadas de tinta, tendo como parâmetro as igrejas barrocas brasileiras e sua azulejaria, como em *Altar I*, 1987. Apesar de remeter ao barroco, adquire forte contemporaneidade em decorrência do acúmulo excessivo de materiais, camadas de tinta e informações complexas. Realiza obras viscerais com peles rasgadas, interiores à mostra, canibalismo e esquartejamento.

Posteriormente, passa a apropriar-se de imagens da história do Brasil, retomando representações etnográficas de indígenas e negros.



Adriana Varejão.



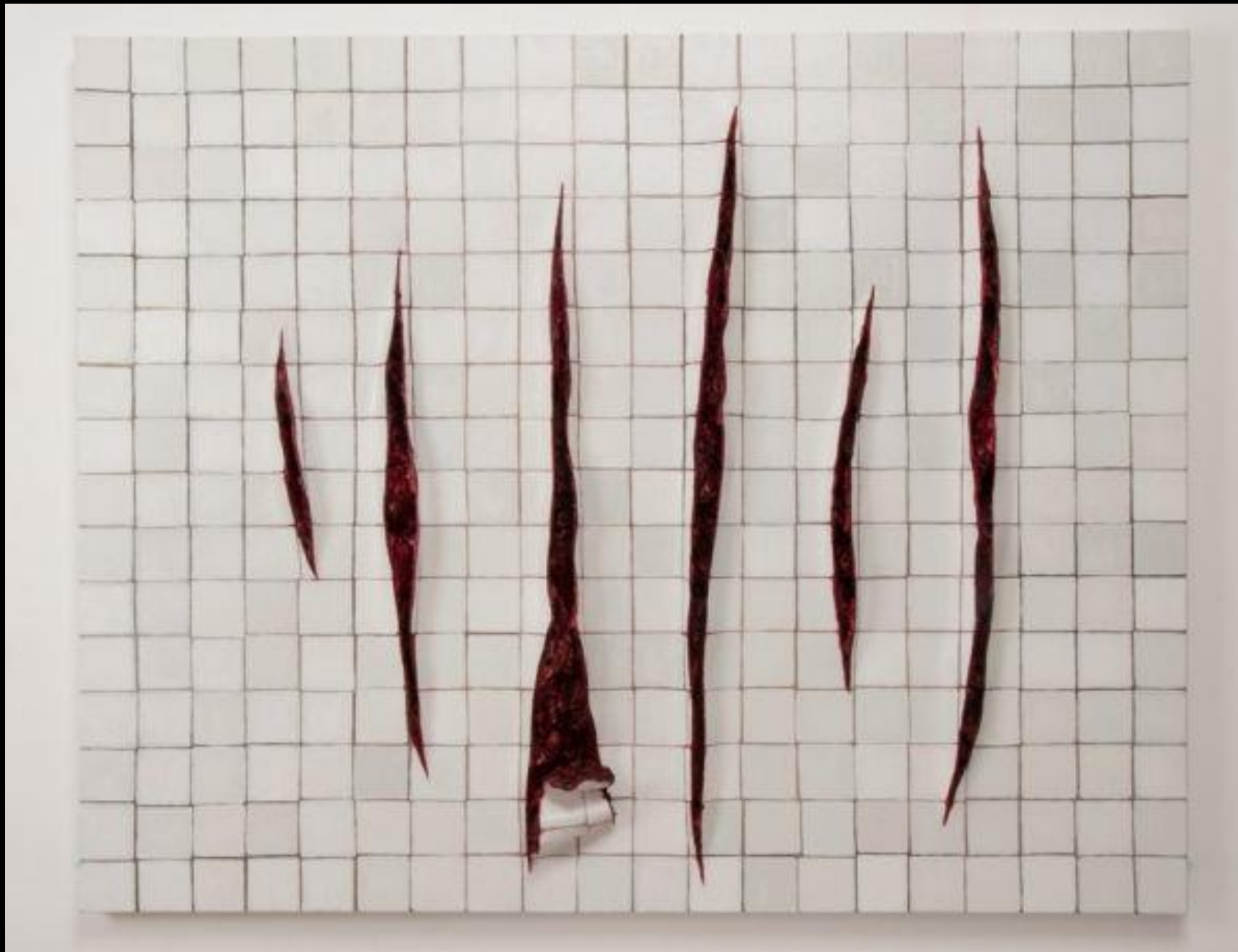
Adriana Varejão.
*Pele Tatuada à
Moda de
Azulejaria*, 1995.



Adriana Varejão. Ruína de Charque, 2002.



Adriana Varejão. *Celacanto provoca maremoto*. 2005.



Adriana Varejão. Parede com incisões à la Fontana. (Arrematada na Christie's, de Londres, em 2011, por R\$ 3 milhões.)

***Rivane
Neuenschwander.***

***Rivane Neuenschwander
Maciel Guimarães***, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1967. Artista visual. Em suas obras apresenta percepções sobre o cotidiano usando materiais comuns como plástico, casca, migalhas, cabelo e poeira. Sua poética dialoga com diversas áreas do conhecimento. Tem ampla pesquisa sobre o medo, em seus aspectos psíquicos e sociais e questiona os códigos de comunicação, como a linguagem e o alfabeto.

Transita entre pintura, escultura, instalação, vídeo com interesse pelas relações orgânicas com a linguagem, a natureza e a temporalidade. Outra característica relevante para a exposição é a estimulação para a participação do público.



Rivane Neuenschwander.
S/título, 1996.



Rivane Neuenschwander. Primeiro Amor.



Rivane Neuenschwander. O nome do medo.



Rivane Neuenschwander. Eu desejo o seu desejo.



Rivane Neuenschwander. Coisa de ninguém, coisa de todos.



Rivane Neuenschwander. Fora de alcance.

José Resende

José de Moura Resende Filho
(São Paulo, 1945).

Cursa gravura na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em 1963. No mesmo ano, ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie.

Começam estudar desenho com Wesley Duke Lee. Com Nelson Leirner, Wesley Duke Lee, Geraldo de Barros, Carlos Fajardo e Frederico Nasser, cria o Grupo Rex em 1966. Em 1970 participa da fundação do Centro de Experimentação Artística Escola Brasil, que valoriza métodos distintos do ensino tradicional em artes visuais.

Em seus trabalhos, explora as potencialidades expressivas dos materiais empregados, revelando o diálogo com a *arte povera* e com o pós-minimalismo norte-americano, principalmente em esculturas, montagens e Instalações.

Trabalha com uma diversidade de materiais como pedras, tubos de cobre, lâminas de chumbo, cabos de aço, chapas e ampolas de vidro. Emprega ainda líquidos como o mercúrio, água e tinta sépia. Em obras mais recentes, usa também o couro e a parafina.



José Resende, sem título 1999.



José Resende, Pedra e Couro, 1980.



José Resende, Vinil e corda, 1967.



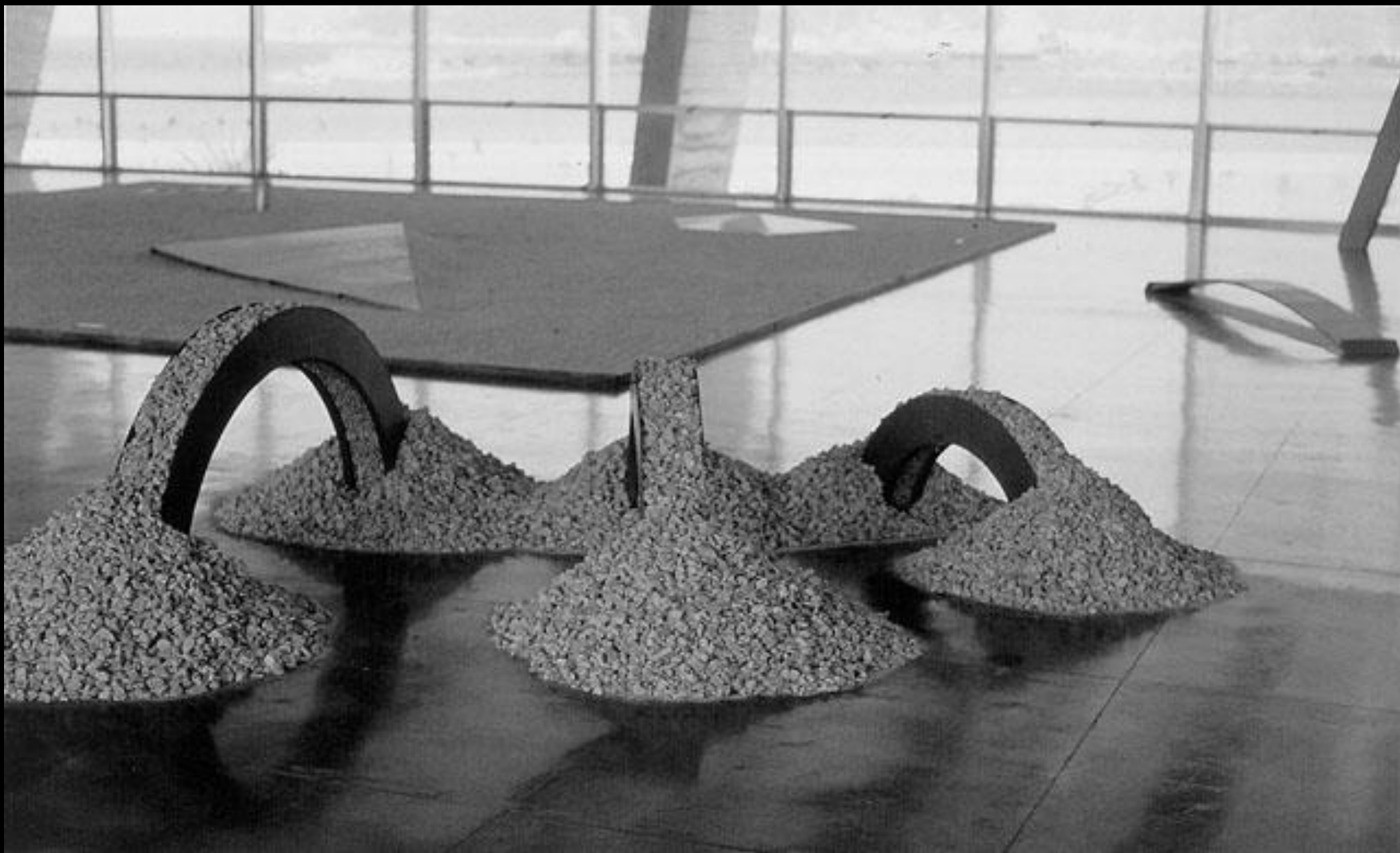
José Resende, Alumínio e plástico, 1967.



José Resende, Retrato de meu pai, 1965.



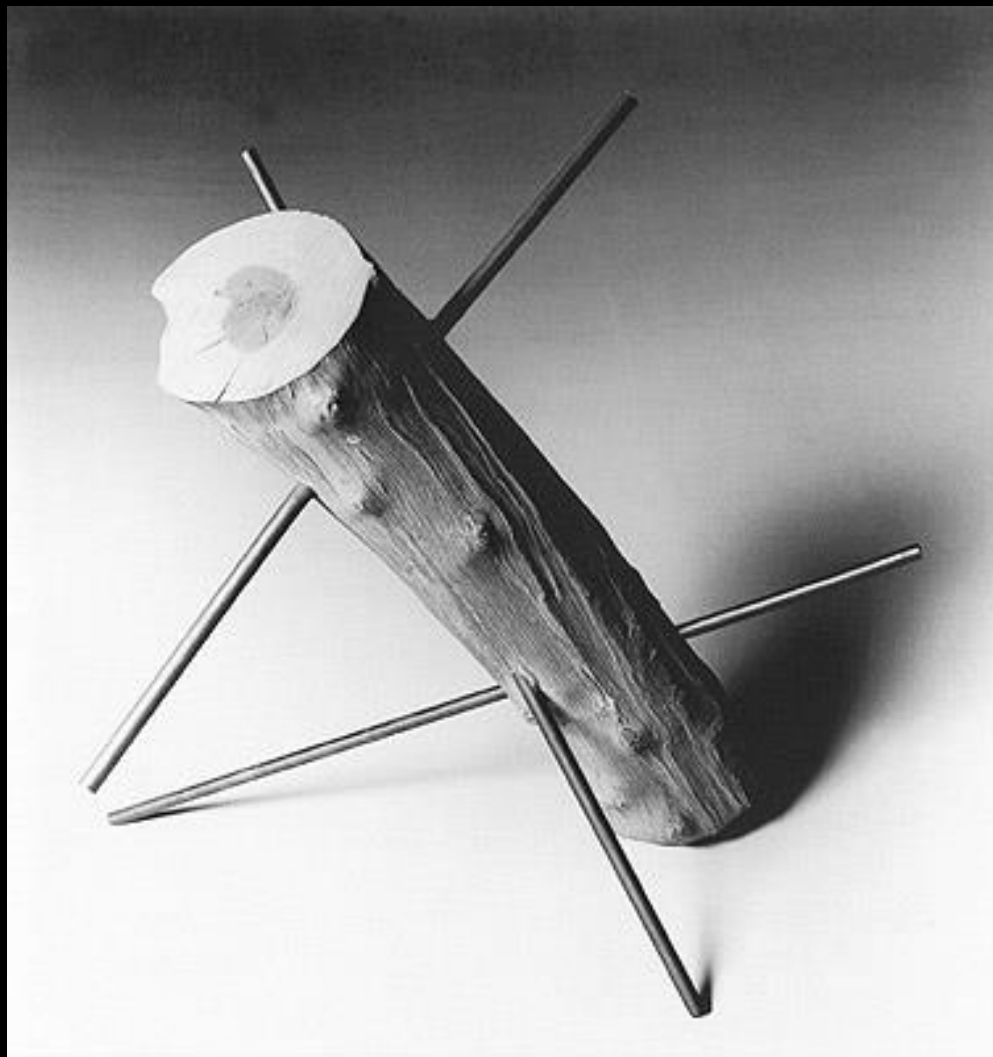
José Resende, Madeira e cabo de aço, 1970.



José Resende, Ferro e pedregulho, 1970.



José Resende, Pedra, 1974.



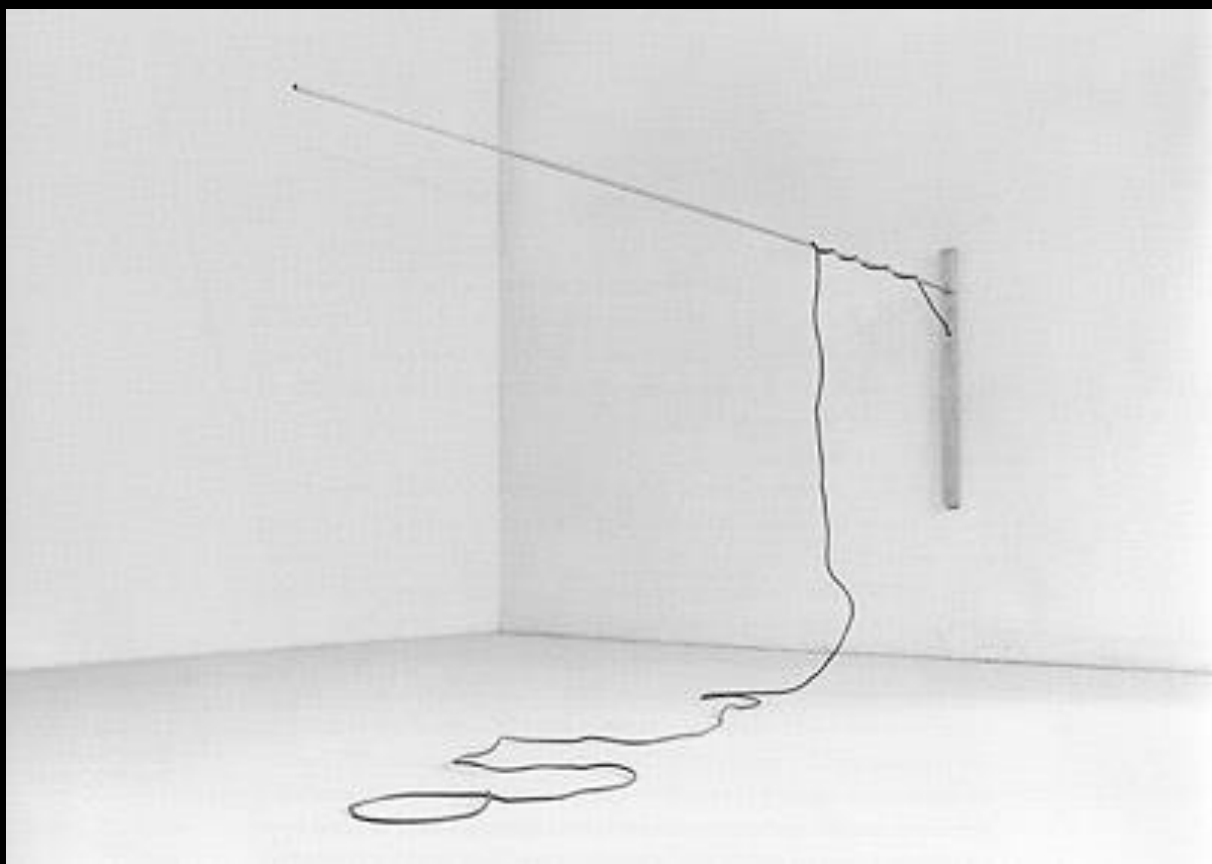
José Resende, Madeira e latão, 1974.



José Resende, Ferro e pedra, 1974.



José Resende, Couro e feltro, 1980.



José Resende, Alumínio e Couro, 1980.

Termino este Tópico dizendo o mesmo do anterior: a diversidade e a quantidade de artistas atuais é imensa e, no caso desta disciplina, entendo que as informações conceituais e visuais apresentadas são exemplos e não um levantamento completo ou definitivo. A partir destes conteúdos é possível ampliar e aprofundar as pesquisas necessárias para maior compreensão de como a Arte Visual se mostra no Brasil.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Giulio Carlo Argan, Fontes da Arte Moderna;

Giulio Carlo Argan e Maurizio Fagiollo, Guia da História da Arte.

Giulio Carlo Argan, Arte Moderna.

Arte Contemporânea, Cauquelin.

Cultura Pós-Moderna.

O que é um artista?

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais>

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#_=_

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. Os artistas do Brasil tem os mesmos recursos e estratégias dos internacionais?
2. Existe Arte Visual genuinamente brasileira?
3. Quais os primeiros artistas do Brasil a participar da internacionalização?
4. As poéticas e proposições adotadas pela Arte contemporânea no Brasil é compatível com a atualidade?
5. Pode-se dizer que os artistas do Brasil estão no mesmo nível dos internacionais?